

## > CLÍNICA DO SOCIAL

Cristina Abranches Mota Batista e

José Newton Garcia de Araújo

### **Segregação e inclusão das pessoas portadoras de deficiência\***

Este texto aborda algumas reações defensivas experimentadas ante a presença da pessoa portadora de deficiência. Tal questão é tratada, inicialmente, a partir da análise de Freud sobre *o estranho*. São também discutidos aspectos sociopolíticos, envolvendo a ambivalência das relações com o sujeito portador de deficiência, dentro dos atuais movimentos a favor de sua inclusão social.

> Palavras-chave: Deficiência, estranho, segregação, inclusão

*This text treats of certain defensive reactions that take place in the presence of handicapped persons. This issue is first approached on the basis of Freud's analysis about the uncanny. Socio-political aspects are also discussed, considering the ambivalence of relationships with handicapped individuals within current movements destined to promote their social inclusion.*

> **Key words:** Handicapped, uncanny, segregation, inclusion

A experiência cotidiana parece mostrar que as pessoas ditas "normais" raramente são indiferentes aos seus *semelhantes* portadores de alguma deficiência. De fato, o fenômeno da deficiência (principalmente a motora, a visual, alguns casos de mutilação ou malformação orgânica)

difícilmente passa despercebido, não só porque se mostra de imediato, exibindo o estigma do sujeito que o porta, mas também porque causa um sentimento que mistura repulsa, medo, compaixão ou outros que podemos condensar como puro estranhamento. É a partir da ótica

\* > Este artigo é um recorte da dissertação "A inclusão da pessoa portadora de deficiência no mercado formal de trabalho: um estudo sobre suas possibilidades nas organizações de Minas Gerais", defendida no Mestrado em Ciências Sociais – Gestão das Cidades, PUC Minas, por Cristina Abranches Mota Batista e orientada pelo Dr. José Newton Garcia de Araújo.

do estranhamento que vamos discutir, embora sucintamente, a questão da deficiência e a reação que ela provoca, quando com ela nos deparamos.

Nosso ponto de partida está nas considerações de Freud sobre "*O estranho (Das Unheimliche)*" (1919). Nos primeiros parágrafos desse texto, Freud já observa que o assunto tem a ver não só com uma "teoria da beleza", mas também com uma "teoria das qualidades do sentir". Em outras palavras, a estética não se restringe ao que "é belo, atraente e sublime" (os escolásticos definiam o belo como aquilo que agrada ao olhar — *quod visu placet*), mas ao que desperta nossa repulsa e aflição. Ela está, pois, estritamente vinculada às teorias do afeto, tanto no que se refere à "festa para os olhos" ou para a alma, quanto à sua vertente movida pela angústia.

Assim, a estética do estranhamento "relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador — com o que provoca medo e horror", mesmo se admitirmos que esse assustador "... remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (Freud, 1919, p. 275-8). Para discutir como o estranho pode estar próximo do familiar, Freud discorre longamente sobre as relações entre esses dois vocábulos (*Unheimlich* e *Heimlich*), mostrando a ambivalência dos significados de *heimlich* "que finalmente coincide com o seu oposto, *unheimlich*." (Ibid., p. 283), ou argumentando que a equação "estranho = não familiar" não se sustenta.

Ele se refere a eventos que provocam uma sensação de estranheza, valendo-se de textos da literatura médico-psicológica, como o artigo de Jentsch *Zur Psychologie des Unheimlichen*, de 1906, além de textos da literatura ficcional,

como *O homem da areia*, de Hoffmann, *O anel de Polícrates*, do poema de Schiller baseado em Heródoto, e mesmo episódios cotidianos como a coincidência de "nos deparamos com o número 62 diversas vezes no mesmo dia, o que nos leva a atribuir um significado secreto a essa ocorrência" (Ibid., p. 297). Jentsch se refere, por exemplo, à estranha impressão ou à dúvida causada pelas figuras de cera, bonecos ou autômatos, objetos sem vida que causam a dúvida de estarem realmente vivos. Ou à estranheza dos acessos epiléticos e outras manifestações de insanidade — atribuídas na Idade Média à influência de demônios — que despertam no espectador "a impressão de processos mecânicos e automáticos, operando por trás de uma aparência comum de atividade mental" (Ibid., p. 284). Ou seja, mesmo que o indivíduo saiba racionalmente que o boneco é de cera ou que os movimentos autômatos são parte de uma crise epilética, a sensação de estranheza ocorre ante esses objetos e experiências.

De todo modo, Freud (Ibid., p. 301) sustenta, em vários momentos do texto, a tese psicanalítica de que "esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do processo da repressão". Em outras palavras, o elemento assustador remete ao recalado que retorna. E se o sentimento de estranhamento "ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão"... (Ibid., p. 310), o estranho remete ao recalque e ao complexo de castração — aqui Freud assimila o medo de ficar cego, em *O homem da areia*, ao medo da castração, relem-

brando o autocegamento mítico do criminoso Édipo. Ou seja, "o medo de ficar cego é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado" (Ibid., 289).

Outro elemento que Freud associa à sensação de estranheza, importante para o presente estudo, é o fenômeno do duplo, que Otto Rank havia já abordado em um exaustivo estudo, do qual Freud (Ibid., p. 293-4) sublinha o ambivalente significado: de um lado, a segurança contra a destruição do ego ("uma enérgica negação do poder da morte, como afirma Rank"); de outro lado, o temor da castração "pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital", castração esta associada também à morte ("o 'duplo' inverte seu aspecto... transforma-se em estranho anunciador da morte".)

A partir destas colocações de Freud, voltamos ao nosso tema em questão, a deficiência e suas múltiplas manifestações: visual, auditiva, motora, mental, funcional, etc. Dissemos que o fenômeno da deficiência provoca um sentimento difuso de estranhamento. Mesmo tomando a hipótese freudiana de que este tem a ver com o complexo de castração, julgamos que a metáfora da castração é bastante ampla para podermos restringi-la a um sentido preciso ou a uma deficiência específica como a cegueira, a amputação ou malformação de um membro do aparelho músculo-esquelético.

Se Freud (Ibid., p. 289) afirma que "o

medo de ferir ou perder os olhos é um dos maiores temores da infância", ele mesmo ajunta, no último parágrafo de seu texto, que fatores como o silêncio, a solidão e a escuridão são "elementos dos quais a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente". Assim, o retorno do recalçado diz respeito não apenas aos "complexos infantis", historicamente situados, mas ao conjunto de crenças primitivas (por isso mesmo, o sempre familiar, não importa a fase da vida) que só aparentemente teriam sido superadas.

Freud vê, então, nesse estágio primitivo, não só um estágio da vida psíquica do indivíduo, mas também um estágio primitivo da civilização. A sensação de estranheza surgiria, pois, diante de algo que remete às figuras de pessoas consideradas não-civilizadas, como as crianças, povos de civilizações primitivas ou povos indígenas.

No presente trabalho, ajuntemos a essas figuras *estranhas* (bem entendido, estranhas a nossos mecanismos conscientes ou inconscientes que denegam toda falta) a pessoa portadora de deficiência, em especial, o deficiente mental e os portadores de síndromes congênitas, além das deficiências físicas mais graves e mais evidentes por si mesmas. A teoria da *degenerescência*,<sup>2</sup> aliás, exemplifica esta correlação, pois pressupõe que toda a raça humana correria o risco de voltar a um estágio primitivo. Daí a possibilidade de

1> "O Tratado das Degenerescências de Morel", de 1857, pretendia esclarecer determinadas patologias como o bócio, aberrações neonatais e quadros infecciosos, dentre outros. Essa tese continha um pressuposto de que algumas dessas patologias significavam um retrocesso de toda a raça humana. A síndrome de Down, por exemplo, foi denominada mongolismo, pois sugeria um "retrocesso" à raça mongólica.

uma retrogressão racial, como acontece em algumas síndromes (Pessoti, 1984, p. 142). A noção de degenerescência pode ser empregada como significado de degradação da natureza, de perda da perfeição. *Mas o que a degradação tem de descritivo, a degenerescência tem de princípio ativo, processo dinâmico, casual ou determinante, da degradação* (Ibid., p. 135). A partir do texto freudiano, podemos também encadear a questão do estranhamento, ao relacionar a deficiência com o fenômeno do *duplo*. Esse duplo estaria encarnado pela pessoa portadora de deficiência, de forma análoga àquilo que Freud situava no sentimento experimentado ante a visão da epilepsia:

... o efeito estranho da epilepsia e da loucura tem a mesma origem. O leigo vê nelas a ação de forças previamente insuspeitadas em seus semelhantes, mas ao mesmo tempo está vagamente consciente dessas forças em remotas regiões do seu próprio ser. (Freud, 1919, p. 303)

Koltai (2000, p. 87) aborda o fenômeno do duplo, relacionando-o ao momento inicial do *estádio do espelho* e da constituição do sujeito. Nesse caso, o duplo entra em cena como "uma repetição do idêntico e provoca em si a inquietante estranheza que é, ao mesmo tempo, uma estranha familiaridade".

Isso remete à sensação do desamparo vivido no momento em que o indivíduo ainda não constituiu a sua imagem como um todo, quando o *ego* ainda não está dissociado do mundo externo e do outro. Ainda segundo Koltai (Ibid., 88):

É por isso que o encontro com o duplo é sempre algo assustador, o *Unheimlich* sendo tudo aquilo que deveria permanecer escondido nas sombras e se manifesta, tudo que deveria per-

manecer invisível e se torna visível. É uma regressão tópica a um momento pré-espelhar do não-separado.

Neste aspecto, somos também tentados a situar os casos de deficiência mental, que coloca a pessoa como alguém destituído de razão, por ser identificado com o infantil. No entanto, na verdade, todo tipo de deficiência, seja ela visual, auditiva, física ou mental, pode ser associada ao desamparo infantil, por remeter a um momento no qual o corpo é imagem despedaçada, além de ser dependente de outra pessoa.

Koltai (Ibid., 87) vai ainda mais longe, ao ressaltar que "o eu enfrenta um fator de inércia, a pulsão de morte e o estranho são identificados por Freud a um resto, a um efeito residual decorrente dessa exegese no Eu". O estranho da deficiência, nesse caso, teria pontos de contato com a pulsão de morte, com o vazio e o "resto"? Esta é uma hipótese cuja discussão certamente merece ser aprofundada.

Uma referência de que ainda nos servimos, em "O estranho", é aquela que associa o estranhamento a certos acasos (como o episódio do número 62, comentado acima), e às experiências de repetição involuntária.

... é apenas esse fator de repetição involuntária que cerca o que, de outra forma, seria bastante inocente, de uma atmosfera estranha, e que nos impõe a idéia de algo fatídico e inescapável, quando, em caso contrário, teríamos apenas falado de "sorte". (Freud, 1919, p. 296)

Aqui estão em questão os possíveis acontecimentos fatídicos e inescapáveis, ligados à sorte e ao destino. Em nosso estudo, podemos relacioná-los tanto a certas tragédias ou acidentes que deixam como

seqüela uma *deficiência adquirida*, quanto às síndromes genéticas, oriundas de um destino sobre o qual nenhum ser humano tem domínio nem pode estar protegido (seria difícil imaginar que os avanços da genética dominariam totalmente tais acasos).

### **A SEGREGAÇÃO DO ESTRANHO, DO ESTRANGEIRO E DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA**

A relação entre as pessoas que portam alguma deficiência e as supostamente normais são, como dissemos no início do texto, permeadas por algum tipo de estranheza. E muitas vezes tal sentimento é acompanhado de condutas concretas de segregação. Uma das hipóteses que afloram à primeira reflexão é que a segregação emerge frente ao sentimento de que o sujeito portador de deficiência protagoniza o duplo, ou seja, esse possível "eu amanhã" que queremos imperativamente evitar. É esse evitamento que teria como conseqüência o requinte de categorizarmos esses "duplos" de acordo com as diversas deficiências, pois algumas podem ser mais ameaçadoras que outras.

De todo modo, cremos que, se nossas investigações sobre o preconceito e a discriminação contra as pessoas com deficiência têm a ver com certos mecanismos inconscientes, isso não nos exime de olhar a questão sob os pontos de vista ético e político.

Começamos esta questão a partir de Simmel (1983), em suas observações a respeito da figura do *estrangeiro*. Um dos pontos abordados por este autor se refere ao estrangeiro que não é rejeitado explicita ou formalmente, pois até é con-

siderado como pertencente a um determinado grupo e, neste sentido, existe com ele "uma forma específica de interação" (p. 183). No entanto, o grupo assume, na relação com ele, uma postura de ambivalência, o que desemboca, apesar da proximidade física, numa distância simbólica. Nesse caso, "ser estrangeiro" define uma não-relação, um não-reconhecimento do sujeito pelo grupo do qual ele faz parte.

Aplicando essas observações às pessoas com deficiência, não é difícil constatar essa ambivalência: interagimos com elas na família, no trabalho, no clube, na igreja, mas as olhamos como "estrangeiras". Na análise de Simmel aparece a referência de algo que é marcante no indivíduo, algo não-comum, relacionado ao estranho e ao não-familiar da teoria freudiana, ambos interferindo de maneira marcante nas relações. Koltai (2000, p. 22) observa que essa marca muitas vezes está no lugar do nome do sujeito e assinala que "o estrangeiro surge para designar algo da ausência de um nome".

Com efeito, ao longo da história, vemos como as pessoas portadoras de deficiência foram genericamente desvestidas do nome próprio para se enquadrarem em nomenclaturas ou classificações, tais como: *cretino, idiota, louco, demente, inválido, cego, surdo, pessoa deficiente, pessoa portadora de deficiência ou portadora de necessidades especiais*. Observa-se que estas expressões foram progressivamente se tornando menos agressivas, mais leves ou asseptizadas, substituindo as anteriores, mais hostis ou desqualificadoras do sujeito. No entanto, todos estes significantes, mesmo os atuais, não impedem que a categoria ocupe o lu-

gar do nome da pessoa, ora de maneira pejorativa, ora lhe atribuindo um estigma.

### **SEGREGAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E CONTRA-IDENTIFICAÇÃO**

Para Koltai (2000), diante do *estrangeiro*, nunca permanecemos indiferentes e experimentamos sentimentos ambivalentes: de um lado, o ódio, pois o estrangeiro é o "duplo" que me exhibe a castração; de outro lado, o amor, uma vez que o estrangeiro pode também fascinar, por ter eu sobrevivido à castração. Para Koltai, a característica de exótico, atribuída ao estrangeiro, pode corresponder a essa fascinação. Assim, ele poderia encarnar um objeto identificatório e outro contra-identificatório.

Com efeito, se a deficiência surge como um traço contra-identificatório, algo estranho que dificulta a relação, já que me remete à minha fragilidade e à minha incompletude, ela pode também fazer o jogo da identificação (Koltai se refere mesmo a um fascínio e uma idealização), quando atribuímos uma qualidade ao "estrangeiro", ou seja, quando se supõe que ele possui uma capacidade de superar a castração. No caso da pessoa com deficiência, esta é vista muitas vezes como quem conseguiu superar a adversidade, apesar de seu déficit – o que leva a uma admiração ou supervalorização de todas as suas outras características.

Ocasionalmente, essa supervalorização chega ao ponto de se conceder à pessoa portadora de deficiência atributos sobre-

naturais. A idealização aponta, na suposta capacidade de superação (seja da superação imaginária da castração, seja das dificuldades concretas impostas pela deficiência) para a idéia de algo que "purifica" o indivíduo – este possui algo superior às pessoas "sem deficiências".

Lembremos, a esse respeito, as considerações de Lacan sobre o vocábulo *estranho*. No seu seminário *Mais Ainda* (1985, p. 16), ele afirma que o significante *estranho* "tem a ver com estrangeiro, que poderia ser estranho, podendo decompor-se como estar-anjo – ser-anjo".<sup>3</sup> De fato, não é raro que o imaginário popular coloque certas pessoas portadoras de deficiência – principalmente as crianças – no lugar de anjos.

No entanto, voltemos à questão ética e política, a atribuição de aspectos sobrenaturais ou de anjo, apesar de suscitar uma reação de fascínio ou admiração por uma pessoa com deficiência, é na verdade mais uma forma de segregação, pois marca uma relação diferenciada com ela. Essa relação, aliás, mantém sua ambivalência, pois é marcada pelo mal-estar, mas orientada pelo gozo. Com efeito, as reações experimentadas diante de tal pessoa, análogas ao que ocorre em situações de tragédia, evocam uma maneira repetitiva e constante de olhar, na qual o gozo mistura fascínio e repulsa.

A questão da ambivalência aparece ainda quando falamos dos traços identificatórios (pela admiração e idealização) e contra-identificatório (pela ameaça da castra-

2> Na língua francesa esse jogo de palavras é mais evidente, uma vez que o termo estranho (*étrange*) pode ser decomposto em *être* (ser) e *ange* (anjo).

ção), em relação à pessoa com deficiência, ou seja, nós somos levados a vê-la ao mesmo tempo como semelhante e como estranha.

### DA SEGREGAÇÃO À INCLUSÃO

As considerações acima constituem um dos aspectos por meio dos quais examinamos como as atuais tentativas de inclusão social das pessoas portadoras de deficiência – em nossa pesquisa, focalizamos especificamente a inserção destes sujeitos no mundo do trabalho – esbarra em obstáculos diversos. Muitas vezes ocorre, por exemplo, que a relação com eles se baseia numa atitude de mera tolerância, à maneira da interação analisada por Simmel, na qual o estrangeiro não era rejeitado explicita ou formalmente. É o caso de partilha tolerada de um mesmo ambiente de trabalho, o que já aponta para uma forma de segregação.

A questão que aqui se coloca é a possibilidade de outro tipo de relação com tais sujeitos, de modo que eles ocupem efetivamente o lugar de um semelhante, enquanto sujeito psíquico e social, enquanto cidadão, apesar de sua diferença. Mas seria possível a superação tanto dos traços contra-identificatórios quanto da idealização dessas pessoas? Ou uma identificação com a própria limitação, espelhada no duplo, no estranho, de modo que a aceitação dessas pessoas seja também a aceitação de nossa alteridade interna?

No puro plano das condutas defensivas, pode ocorrer vermos a pessoa com deficiência como alguém que não atende às "exigências da civilização" ou ao ideal do ser humano acabado. Relembremos, por

exemplo, as seguintes passagens de Freud, em "O mal-estar da civilização":

Surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que não pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um "exterior" estranho e ameaçador. (Freud, 1974, p. 85)

Evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização... a utilidade não explica completamente esses esforços; deve existir algo mais que se encontre em ação. (Ibid., p. 114)

Aí está: a segregação pode ocorrer a partir de um "não querer saber" ou "não querer ver" aquilo que, em última análise, remete ao horror da morte – e este pode ser um dos elementos na raiz da discriminação. Marques (1997, p. 19) assinala: "... o conflito originado do confronto do que ele é, com o que ele pode vir a ser, provoca no homem toda a repulsa, com relação à deficiência".

Evidentemente, esse é um processo psíquico que tem outros desdobramentos no plano sociopolítico. Com efeito, se Freud aponta o horror cultural ou inconsciente àquilo que indica alguma "desordem"; se a deficiência tem algo de uma metáfora da realidade, como impossibilidade radical de se atingir qualquer ideal da beleza ou da forma (retomemos a noção clássica de beleza humana como proporção das formas), isso não nos impede, em contrapartida, de pensar uma outra estética, inscrita no cotidiano das relações sociais, uma estética que tem essencialmente a ver com a ética e a política. Assim, no plano do direito e da cidadania, os atuais movimentos a favor da inclusão social da pessoa com deficiência

nos impelem a pensar (idealmente diríamos: a lutar por) uma nova "teoria das qualidades de sentir", diante justamente da secular insensibilidade (ou cegueira?) frente a esse semelhante que vem ao nosso encontro em sua diferença.

De fato, vemos surgir, nas últimas décadas, em plano mundial, diversos movimentos que defendem a bandeira da inclusão social das pessoas portadoras de deficiência. No Brasil, se as iniciativas tradicionais se restringiam a um certo assistencialismo ou mesmo a certos avanços ligados à institucionalização de escolas especiais ou de centros esportivos e culturais, isso não apontava ainda para uma superação da segregação. Na última década, no entanto, vemos crescer o movimento da chamada "sociedade inclusiva", que visa militar contra os diversos tipos de discriminação, a fim de que a pessoa com deficiência tenha acesso real à cidadania. Nesse caso, o conceito de *acessibilidade*, por exemplo, não inclui apenas a possibilidade física e o direito de ir e vir, no espaço público, o que supõe certos arranjos na arquitetura urbana (rampas nos passeios ou imóveis públicos, dispositivos de entrada e saída dos ônibus, direito a um cão-guia mesmo em ambientes fechados, etc.), mas o acesso à condição plena de cidadão. Isso inclui o direito ao trabalho, o que tradicionalmente era negado ao portador de deficiência. No entanto, em nossa investigação, centrada na questão da acessibilidade ao trabalho — hoje, o direito ao trabalho das pessoas com deficiência está legalmente amparado, o que obriga as empresas médias e grandes a contratá-las — mostramos que os dispositivos legais não significam, au-

tomaticamente, a superação do estranhamento, pois encontramos novas formas de discriminação na própria organização do trabalho. Mas esta é uma questão que, apesar de sua enorme importância, não trabalharemos no presente texto.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, M. C. *A inclusão da pessoa portadora de deficiência no mercado formal de trabalho: um estudo sobre suas possibilidades nas organizações de Minas Gerais*. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.
- FREUD, Sigmund (1919). O estranho. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na civilização. In: *E.S.B. Op. cit. v. XXI*.
- KOLTAI, Caterina. *Política e psicanálise. O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. 2. ed. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MARQUES, Carlos Alberto. Integração: uma via de mão dupla na cultura e na sociedade. In: MANTOAN, M. T. E. e colaboradores. *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnom, Senac, 1997.
- PESSOTI, Isaías. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1984.
- SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.) *Sociologia — Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

Artigo recebido em maio/2003

Aprovado para publicação em maio/2003